

Entre “safados (as)” e “santinhas”: Um estudo sobre gênero e representações sociais sobre a sexualidade para jovens mulheres

Emanuelle Ribeiro Santana¹

Resumo: O presente artigo é resultado² de um estudo que teve como objetivo caracterizar as representações sociais sobre gênero e sexualidade de seis jovens mulheres estudantes de escolas públicas. Compreendemos que as representações sociais arraigadas e normativas de condutas relacionadas à sexualidade da mulher, podem ser discutidas e debatidas no espaço de interação grupal pautadas na noção de igualdade de direitos sexuais.

Palavras-chave: gênero, representações sociais, sexualidade.

Introdução

Nortear o jovem ou “adolescente” sobre a vivência de sua sexualidade em seu contexto social, indubitavelmente, é uma tarefa louvável. Essa ação, provavelmente, desmistifica possíveis preconceitos e atitudes pautados na falta de conhecimento sobre este adolescente e sua possível atuação na sociedade. Monteiro³ assinala que a concepção de adolescência utilizada frequentemente, é tratada partindo-se de um ponto de vista universalizante e naturalizador do desenvolvimento humano, portanto, não há consideração sobre o processo de construção cultural do fenômeno.

O estudo dos processos que envolvem a comunicação, o conhecimento e o comportamento das pessoas produzidos em seu contexto social constitui o que Moscovici (1978) chamou de representações sociais. Segundo Oliveira e Werba⁴, o autor buscou, a partir do trabalho científico, elucidar a realidade a favor das dimensões históricas e sociais, sendo contrário, então, às premissas dos funcionalistas e positivistas.

Desta forma, o presente estudo constituiu-se como uma forma de compreensão dos fenômenos que emergem do movimento das pessoas e dos grupos dentro de uma realidade social complexa.

Para introduzir a discussão sobre gênero e a sua relação com a sexualidade, torna-se necessário

Abstract: This article is the result of a study which objective was to characterize social representations about gender and sexuality of six young female students from public schools. It is understood that rooted and normative social representations about women's sexual conducts can be discussed and debated in spaces of group interactions based on the principle of sexual rights equality.

Keywords: gender, social representations, sexuality.

compreender os significados dos papéis sociais de homens e mulheres que permeiam as relações sociais existentes na sociedade. Áran e Peixoto Júnior⁵ afirmam que gênero é propriamente uma norma, pois um sujeito, antes mesmo de seu nascimento, é nomeado como menino ou menina por características corporais, e isto, é reforçado no processo de masculinização ou feminização durante a vida. Butler define que “o gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas ele poderia ser muito bem o dispositivo pelo qual estes termos são desconstruídos e desnaturalizados.”⁶

Scott⁷ destaca que essencialmente “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. A referida autora revela quatro elementos como constitutivos de sua concepção de gênero. O primeiro elemento refere-se às representações simbólicas invocadas com seus modos e contextos. Um exemplo seria o símbolo de mulher “Virgem Maria”. O segundo elemento abarca os conceitos normativos, ou seja, que reforçam o sentido dos símbolos atribuídos à mulher e que são explicitados, por exemplo, em grupos fundamentalistas que atribuem sentidos ao feminino e ao masculino (oposição binária), buscando o ideal papel tradicional da mulher. O terceiro elemento constitui-se como um desafio da pesquisa histórica em romper com a

¹Psicóloga graduada na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e ex-bolsista do Programa UNISUL de Iniciação Científica. Email: emanuelle.ribeiro.santana@gmail.com.

²A pesquisa foi orientada pelo Prof. Dr. Leandro Castro Oltramari, que é docente do curso de Psicologia. Este artigo representa alguns dos resultados finais do trabalho realizado como iniciação científica.

³MONTEIRO, Simone. *Qual a prevenção? AIDS, sexualidade e gênero em uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 33.

⁴OLIVEIRA, Fátima O; WERBA, Graziela C. Representações Sociais. In: STREY, Marlene. *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 105.

⁵ARAN, Márcia; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. *Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler*. Cad. Pagu, Campinas, n. 28, 2007. p. 134-135. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 14 out. 2008.

⁶ARAN; PEIXOTO JUNIOR. loc.cit., p. 134-135.

⁷SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990. p. 14.

fixidez dos conceitos normativos e desvendar a origem dessas contenções que constituem a representação binária do gênero em dimensões políticas, de instituições educacionais e de trabalho. O quarto elemento ou aspecto relaciona-se à identidade subjetiva. Ela defende que a teoria da Psicanálise trata de questões referentes a gênero e sexualidade de forma universal, bem como discute que os historiadores deveriam estudar as identidades de gênero construídas na História e suas relações com atividades, instituições e representações sociais.

Strey⁸ esclarece que a compreensão sobre gênero partirá da distinção entre a noção de sexo e a noção de gênero, pois sexo diz respeito ao caráter puramente biológico, diferenciando-nos por características voltadas à anatomia, aos hormônios e à procriação, o que não quer dizer que há determinismos, já que nascer homem ou mulher não significa ser homem ou ser mulher. Segundo a autora, os seres humanos, através de suas vivências nos processos de socialização e na cultura, constituem-se em ligação com os ambientes e as situações socioculturais e históricas. Assim, gênero são as diferenças não necessariamente fisiológicas, mas as construídas na sociedade, por meio de papéis sociais hierárquicos que cada sujeito desempenha em seu contexto social.

Diante disso, torna-se necessária a discussão do movimento de homens e mulheres no mundo, pois, embora se perceba transformações advindas do feminismo, há uma permanência de normas e ancoragens de representações sociais sobre o comportamento do homem e da mulher na sociedade, inclusive no que tange à sua própria sexualidade. As autoras Abramovay *et. al*⁹ consideram um conceito sobre a sexualidade e destacam-no como um tema que engloba aspectos que foram discutidos até então neste estudo. Assim,

A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressada em pensamentos, fantasias, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos. [...] Envolve além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura.

Partindo do exposto, é necessário considerar a sexualidade, também, como elemento constitutivo dos roteiros sexuais de gênero que representamos na vida. Segundo Oltramari¹⁰, John Gagnon teorizou essa roteirização como estruturada em três cenários ou roteiros

que a constituem: o primeiro são os cenários culturais, definidos pela ordem dos valores e regras que orientam uma cultura de sexualidade; o segundo seriam os roteiros interpessoais, ou seja, as relações que estruturam comportamentos esperados dentro de uma intermediação interpessoal, (um exemplo seria “o ficar”, um roteiro característico dos jovens, que, quando se torna mais contínuo, pode levar à ocorrência da relação sexual, e ainda, configurar-se ou não como namoro); o terceiro é o intrapsíquico, que consiste em fatores mais singulares, estruturados a partir dos dois anteriores, com a ressalva de que há uma interconexão entre esses roteiros.

Portanto, a partir do trabalho de investigação realizado com o grupo de adolescentes, identificaram-se as seguintes categorias de análise dos resultados, de acordo com os objetivos específicos deste estudo:¹¹ prevenção da AIDS e responsabilidade dos parceiros sexuais, posicionamento positivo em relação à camisinha e à prevenção nas escolas, AIDS atrelada à percepção sobre “grupos de risco”, representações sociais sobre sexualidade e roteiros sexuais de gênero e roteiros de iniciação sexual de homens e mulheres.

Portanto, esta pesquisa pretendeu sem generalizações demonstrar como algumas representações podem ser disseminadas e reproduzidas pelas jovens. Buscou, também, evidenciar que as ações de políticas públicas para a educação, no que tange à sexualidade, poderiam estar pautadas na ideia de mudança através dos diversos grupos sociais.

Método

Primeiramente, os responsáveis pelas jovens foram contatados para a autorização e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (CNS 196/96), explicitando-se, neste, os objetivos do estudo e verificando, também, a disponibilidade por parte dos jovens para a participação das oficinas. Os contatos e endereços foram adquiridos por intermédio do profissional agente de saúde da comunidade para a divulgação dos encontros. Os participantes e responsáveis foram assegurados sobre a confidencialidade das informações e explicitados sobre o direito à não-participação e de interrupção da participação dos encontros. Foram assinados e consentidos doze termos, porém apenas sete jovens participaram do estudo (seis mulheres e um homem). Os encontros foram realizados no salão paroquial de uma igreja da grande Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, isso porque, no bairro, não há associação de moradores, sendo este o único local acessível para a realização dessas atividades. Os

⁸STREY, Marlene. Gênero. In. STREY, Marlene. et al. *Psicologia Social Contemporânea*: livro texto. 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

⁹ABRAMOWAY, Mirian. et al. *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. p. 29.

¹⁰OLTRAMARI, Leandro Castro. A construção social do desejo para as Ciências Sociais. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 15, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 27 jul. 2008.

¹¹Utilizamos alguns dados que emergiram do campo para elaborar o presente artigo sobre gênero e sexualidade.

participantes deste estudo foram estudantes de escolas públicas residentes no bairro. O seguinte quadro organiza os participantes da pesquisa caracterizados por nomes fictícios:

Participantes

Sujeito	Idade	Escolaridade/Série
Bety	13	7ª série
Cátia	13	7ª série
Fátima	14	8ª série
Paty	15	7ª série
Rosa	15	1º ano do 2º Grau
Tati	15	1º ano do 2º Grau

Quadro 1 – participantes do estudo caracterizados por nomes fictícios.

Foram realizados oito encontros, com temas que fossem significativos tanto para os participantes quanto para a pesquisa. O tipo de pesquisa utilizado foi o de ação e se deu por temas significativos de acordo com a realidade estudada. Utilizamos grupo focal que, segundo Abramovay *et al.*¹² é uma "(...) estratégia privilegiada para o registro de representações de atitudes, crenças e valores de um grupo ou de uma comunidade relacionada aos aspectos específicos pesquisados". No primeiro encontro, realizamos dinâmicas de apresentação e definimos os temas que seriam desenvolvidos. No segundo encontro, o tema referia-se ao "ficar" e tinha como título "Rádio mais alegria", sendo este o nome dado pelas jovens. Aqui foram feitas dramatizações com situações do cotidiano dos jovens e posteriormente, houve discussão acerca do comportamento de "ficar" e de suas características. O terceiro encontro referia-se a "reações femininas e masculinas", também com a discussão sobre as situações recorrentes do cotidiano, podendo os participantes do encontro dar opiniões sobre o comportamento de homens e mulheres em relação à sexualidade. No quarto encontro, denominado "Expressões de pressão", o objetivo também foi o de promover espaço para o debate sobre o comportamento de homens e mulheres. No quinto encontro, o grupo escolheu o tema da amizade e foram feitas colagens com figuras representativas. Como resultado, a maioria das figuras representava a família como o lugar para a amizade. No sexto encontro, nomeado "Liberdade", discutiram-se questões polêmicas como, por exemplo, se a "mulher deve permanecer virgem até o casamento". No sétimo encontro, "Sexualidade e Aids", discutiram-se vários aspectos da sexualidade e houve muitas dúvidas sobre a relação sexual propriamente dita. No oitavo

encontro, "Projeto de vida", falamos sobre os sonhos e possíveis projetos para o futuro. Através de figuras, os jovens expressaram os seus anseios.

Após a realização desses encontros, foram nomeadas e analisadas as categorias com suas respectivas temáticas que eram pertinentes ao estudo da sexualidade, das relações de gênero, da AIDS e da prevenção nas escolas. O material coletado no grupo foi examinado através da análise de conteúdo do tipo categorial que, segundo Bardin¹³, remete a uma operação de "desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos", conseguindo-se temas que fossem significativos para a análise do material coletado nos encontros realizados.

Resultados e discussão

- Sexo, sexualidade e roteiros sexuais de gênero.

O grupo, ao longo dos encontros, mostrou-se muito dinâmico e questionador, principalmente, quando o tema envolvia as diferenças dos comportamentos de homens e mulheres. Em uma atividade, questionou-se sobre as iniciativas nas relações amorosas, se seriam fundamentalmente primeiro do homem ou da mulher. "Tati" respondeu que:

"Tem de ser do homem, só que têm mulheres que fazem isso, sem cabimento, por que está se fazendo de oferecida, o homem todo mundo já sabe o que tem que fazer, a mulher tem que se fazer de difícil". (sic)

Pode-se perceber que houve interpretações de que as diferenças de gênero se estruturam através de formas de papéis hierárquicos que permeiam essas identidades, tendo a identidade masculina sido caracterizada como dominante. Nesse caso, refere-se à fala acerca de que o homem "todo mundo já sabe o que tem que fazer", que é o praticamente o oposto do "fazer-se de difícil", característica socialmente construída de que mulher não pode interferir ou agir nesse campo bem delimitado de intenções amorosas. Segundo Torrão Filho¹⁴, citando Sêneca, a mulher que atua como homem existe num 'mundo às avessas' e, para os dados deste estudo, esse mundo contrário às normas pré-estabelecidas está relacionado com o discurso da participante que caracteriza essa mulher como "oferecida", significando que está disposta ao homem, porém agora com uma conotação negativa de submissão. Segundo Torrão Filho¹⁵, citando a autora Swain, isso se

¹²ABRAMOWAY, op. cit., p. 55.

¹³BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 153.

¹⁴TORRÃO FILHO, Amílcar. *Uma questão de gênero*: onde o masculino e o feminino se encontram. Cadernos Pagu, n. 24, jan/jun. 2005, p. 141. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em: 02 jun. 2008.

¹⁵TORRÃO FILHO. loc. cit., p. 142.

refere a uma identidade binária, que classifica o masculino e o feminino como termos opostos, mas que se complementam: “eles podem com viver um com o outro, mas nunca um no outro”. Os comportamentos que não seguem essa norma ou esse papel serão vistos como perversos e “vão ser categorizadas para serem assim melhor excluídas da norma, do normal.”¹⁶ Ainda de acordo com Torrão Filho¹⁷, isso acontece, pois “os homens têm mais possibilidade de ação, mais liberdade de escolha do que as mulheres é verdade, mas esta liberdade se exerce sob rígidos parâmetros”. As pressões estendem-se aqui para as iniciativas na conquista ou no sexo e são fortes para os homens, devendo ser trabalhadas em maior profundidade em outro estudo.

As participantes deste estudo listaram vantagens e desvantagens em ser homem ou mulher. As respostas obtidas foram separadas por participante para uma melhor visualização das opiniões do grupo,

Vantagem de ser mulher é que ela é vaidosa, meiga, estudiosa”. (...) A desvantagem da mulher é ter que cuidar da casa e o homem têm que trabalhar (...) Mulher tem que limpar casa e cuidar dos filhos. (sic) Cátia

A vantagem da mulher é que ela pode carregar o filho, mas depois vai ter que ficar cuidando, e o homem não... (sic) Fátima

Nos dados evidenciados pelas participantes, percebeu-se adjetivos tipicamente relacionados à imagem da mulher na sociedade, como vaidosa, estudiosa, meiga, cuidadosa, caprichosa, bem como o “limpar a casa”, aqui se referindo às tarefas domésticas. Porém, em nenhum momento foi mencionada a imagem de uma mulher independente e fora dos padrões da sociedade. Já ao homem foi atribuído o trabalho e o “serviço pesado”. Isso diz respeito a uma adesão a papéis tradicionalmente designados a homens e mulheres. Esses valores culturais tradicionais são adquiridos nas experiências dos sujeitos ou atores sociais e, segundo Jodelet¹⁸, o mundo de vida cotidiana é um mundo da intersubjetividade e a experiência uma práxis transformadora, ambos sendo relevantes nos estudos das representações sociais. Portanto, é necessário entender quais os processos culturais e socialmente compartilhados que permeiam as questões de gênero e

que estão mudando, embora os modelos tradicionais ainda estejam presentes nas representações sociais desses jovens. Ainda de acordo com Jodelet¹⁹, as representações sociais são elementos fundamentais para a constituição da subjetividade, ou seja, elas não apenas auxiliam na organização das práticas sociais, como também fazem com que através delas se constitua aspectos de singularidade.

Em um encontro, propusemos aos participantes que dessem opiniões sobre uma história fictícia apresentada. Nela, uma jovem não saberia o que fazer numa festa quando um jovem a convida para conversar num lugar reservado da casa, sendo este lugar o quarto. Perguntamos aos participantes sobre a possibilidade de “rolar uma coisa a mais” na festa e o que o personagem João pensaria acerca de Margarida e o que ela pensaria acerca dele nesse caso. Isso provocou uma discussão entre as mulheres e o único homem do grupo. Apenas a participante “Bety” respondeu que “ele pode pensar que ela é uma safada²⁰ ou ela pode pensar que ele é safado” (sic). Voltamos à questão, perguntando sobre a possibilidade de a mulher convidar o homem para o quarto. Cátia disse que “uma menina que convida um homem para fazer isso, é ruim não é só com um, tem uma guria da minha sala que é assim” (sic). Fátima complementa: “fica com qualquer um e dá para qualquer um”²¹ (sic). Encerramos esse encontro pedindo que os participantes dessem sua opinião sobre a atividade. A participante “Cátia” começou dizendo que “depende, porque tem menino mais assanhado²² e outros que não, se ele fosse safado ia rolar mais alguma coisa e se não... (pausa) ou não, porque a menina poderia tomar uma atitude, os meninos provavelmente a chamariam de safada, mas na hora eles não iam fazer nada” (sic).

Nessa situação, a mulher foi colocada com um papel diferente do preconizado nos roteiros sexuais, justamente para incentivar o debate sobre os direitos sexuais. A posição de iniciativa feminina gerou nas participantes uma insatisfação, categorizando a mulher que se comporta dessa forma como promíscua. Segundo Heilborn *et al.*²³, “a cultura sexual brasileira é marcada fortemente por uma categorização de gênero que reserva contrastivamente atitudes e qualidades para cada um dos sexos.” Essa categorização seria, também, uma qualificação de relações que os homens estabelecem com as mulheres. É conveniente observar a posição

¹⁶TORRÃO FILHO. loc. cit., p. 144.

¹⁷TORRÃO FILHO. loc. cit., p. 142.

¹⁸JODELET, Denise. Experiências e representações sociais. In: MENIN, Suzana de Stefano; SHIMIZU, Alessandra de Moraes. *Experiência e representação social: Questões Teóricas e metodológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 37.

¹⁹JODELET, Denise. El movimiento de retorno al sujeto y el enfoque de las representaciones sociales. *Cultura y representaciones sociales*, ano 3, núm. 5, septiembre (2008). Disponível em: <http://www.culturays.org.mx/>. Acesso em: 26 set. 2008.

²⁰Categoria nativa popular sobre a mulher ou o homem imoral.

²¹A participante refere-se à mulher que transa com “desconhecidos”.

²²Categoria nativa referente ao homem que pretende avançar em sua intenção sexual com a mulher.

²³HEILBORN, Maria Luiza. et al. *O aprendizado da sexualidade: Reprodução e trajetórias sociais de jovens Brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fio Cruz, 2006. p. 36.

dessas jovens em relação ao papel da mulher como "safada", por ter uma iniciativa para a relação sexual, conectando a ela um julgamento moral que muitas vezes é proferido por homens. De acordo com Salem²⁴, as normas que concernem às relações sexuais se distinguem em parceiras com vínculo e parceiras para sexo, o que seria, a "[...] *grosso modo*, com a posição entre 'mulheres de casa' (namoradas, noivas ou esposas) e as 'de fora'". Esse juízo moral está relacionado ao comportamento sexual destas últimas, sendo geradas classificações e categorizações quanto aos tipos de vínculos estabelecidos.

Ah! Todo mundo pensa assim, se o menino vai lá e fica com ela e com outras é chamado de garanhão²⁵ e se ela fazer isso vai ser vista como safada. (sic) Cátia

Ele fica com imagem de 'pegador'²⁶ (...). Todo o homem pensa que toda a mulher é igual, que é safada! (sic) Bety

Aí tem uma desvantagem de ser mulher! (sic) Cátia

A partir desses relatos, pudemos observar algumas categorias estabelecidas pelas jovens em relação a homens e mulheres, como "safado ou safada", "pegador", "assanhado" e "garanhão". Essas categorias referem-se ao que, segundo Woodward²⁷, se identifica como sistemas classificatórios criados pelas culturas, isso é, ações aceitas ou não aceitas. É nesse contexto social que a identidade é construída por meio da linguagem e da cultura, que dão significado à noção que se tem de si mesmo. Essas classificações constroem as diferenças entre categorias de ser homem ou mulher. As diferenças são construídas, muitas vezes, de forma negativa, para colocar pessoas à margem do que é aceito pela cultura.

A escritora feminista Cixous²⁸ fala de diferenças relacionadas a gênero: "[...] não se trata apenas do fato de que o pensamento é construído em termos de oposições binárias, mas que nesses dualismos um dos termos é sempre valorizado mais que o outro: um é norma e o outro é o 'outro' - visto como 'desviante ou de fora'".²⁹

Podemos relacionar isso com a norma que as jovens deste estudo usam quando classificam características masculinas ou femininas, segundo a qual o homem com várias parceiras sexuais é visto pela sociedade com a qualidade positiva de "garanhão" ou "pegador". Já em relação à mulher, na visão das participantes, esta é discriminada de forma negativa, como "safada", se tiver a mesma relação com sua própria sexualidade. Neste caso, podemos vislumbrar uma normativa de conduta na qual a mulher é vista como virtuosa se não tratar de sua sexualidade como um homem, e desta forma, a mulher safada é o oposto à imagem da mulher santa (virgem Maria), concebida na racionalidade cristã. Numa pesquisa realizada no Rio de Janeiro, com 10 adolescentes de idades entre 13 e 17 anos, os autores Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (2007)³⁰ identificaram que as diferenças de gênero estiveram presentes em seu estudo, pois os participantes de ambos os sexos relataram existir uma visão da mulher que "fica" com vários homens e que tem relações sexuais na primeira "ficada". Evidenciou-se que o homem, se tem a mesma relação com sua sexualidade, tem "reputação", enquanto que a mulher é "galinha" ou "falada". Isso evidenciou que, mesmo com a emancipação feminista, ainda há muita disparidade entre homens e mulheres no que se refere aos direitos sexuais.

Após os debates e intervenções realizados neste estudo, percebeu-se que as jovens vislumbram a desvantagem de ser mulher. Isso estaria relacionado à imagem da mulher que se aventura em direção a uma atitude fora das normas, arriscando-se, em detrimento de uma imagem simbólica e aceita pela cultura.

As jovens do presente estudo indicaram que a relação sexual pode ocorrer antes do casamento, desde que associada com a responsabilidade e a segurança do parceiro fixo. Relataram, também, a virgindade como algo raro na atualidade e que a mulher tem o poder de decisão em relação à sua própria sexualidade. Como por exemplo, a participante Rosa diz "vai que o mundo acaba e ela fica sem fazer" (sic), denotando certa urgência para a realização da relação sexual. Numa pesquisa em nível nacional³¹ sobre sexualidade feita por pesquisadoras da UNESCO (ABRAMOVAY et. al)³², os

²⁴SALEM, Tânia. "Homem... já viu né?": Representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In. HEILBORN, Maria Luiza (coord). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 44.

²⁵Categoria nativa sobre o homem que tem várias relações casuais.

²⁶Categoria nativa sobre o homem que tem várias relações casuais.

²⁷WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual*. in SILVA, Tomaz Tadeu da et al. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. 133 p.

²⁸WOODWARD, loc. cit.

²⁹WOODWARD, loc. cit, p. 51.

³⁰MATOS, Mariana; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; JABLONKI, Bernardo. *Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas*. *Interação em Psicologia*. v. 9, n. 1, p. 21-33, Jan/Jun, 2005.

³¹ABRAMOVAY, Mirian. et al. *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

³²Foram realizados 107 grupos focais e entrevistas com alunos do ensino fundamental e ensino médio (total de 16.422 alunos) nas escolas públicas e privadas do Distrito Federal e de outras capitais, como Belém, Cuiabá, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Maceió, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória.

participantes foram perguntados sobre suas opiniões a respeito da virgindade com a afirmação: “a mulher deve permanecer virgem até casar”. Os resultados evidenciaram (a exemplo de ilustração) que, no Rio de Janeiro, 8,8% (993 alunos), em Florianópolis, 8,5% (1.109 alunos) e, em Porto Alegre, 7,5% (1.107 alunos) das jovens declararam concordar com tal afirmação. Em outras capitais, como Salvador (15,4% - 1.565 alunos) e Maceió (24,4% - 834 alunos) os índices foram ainda mais elevados. Esses dados demonstram que, no Sul e Sudeste, a porcentagem de concordância é menor, pois a opinião sobre a virgindade está mais relacionada ao casamento. Hipoteticamente, pode-se relacionar essa pesquisa com os resultados deste estudo, tendo em vista que as jovens são de um município muito próximo à capital Florianópolis e têm uma posição mais flexível em relação à afirmação. Em contraponto a esses dados, percebe-se que o norte do país demonstra mais adesão à busca da forma tradicional de casamento. Segundo Bozon e Heilborn citados por Borges³³, essa relação sugere que:

[...] o enfraquecimento do modelo tradicional de virgindade não levou a uma transformação total. A decisão de preservar (ou não) a virgindade é cada vez mais efeito de uma estratégia feminina e de um cálculo decorrente de uma regra de prudência, mais do que de respeito por um valor social ou moral. Preservar a virgindade é preservar o futuro.

Sobre as adolescentes que nunca tiveram relações sexuais, Borges (2007)³⁴ relata que 54,4% das mulheres dizem que a manutenção de sua virgindade esteve relacionada às relações amorosas ou a não ter encontrado o parceiro certo. A autora faz uma comparação entre as mulheres com experiência em relações sexuais e as sem experiência e explica que há uma conformidade na permissão do sexo antes do casamento, mas que este está permeado por relacionamentos de compromisso e afetividade. Como conclusão, explicita que as mulheres, mesmo iniciando a vida sexual cedo, estão cada vez mais se aproximando da rotina sexual dos homens: “[...] suas motivações para o engajamento sexual continuam, em certa medida, respondendo aos papéis tradicionalmente atribuídos à mulher, qual seja o amor, romance e compromisso como propulsores das primeiras práticas sexuais”.³⁵

Acerca do que as participantes deste estudo entendiam sobre sexualidade, em relação ao que a

escola propunha de conteúdo, uma das participantes respondeu que:

Eles trabalham mais sobre AIDS e a gente tem dúvidas sobre sexo, sobre sua própria sexualidade... não sabe o que é normal ou o que é... (...) Não só sobre AIDS ou gravidez, por que eu nunca fiz (sexo) e tenho curiosidade para saber como é... (sic) Rosa

De acordo com a afirmação da participante, as dúvidas em relação ao corpo e à sexualidade explicitam que a escola, diante disso, poderia intervir de forma positiva, esclarecendo mitos e fantasias acerca das relações sexuais. Ampliar as possibilidades para discussão, reflexão e esclarecimentos sobre sexualidade e gênero criam condições para o trabalho de conscientização de vários aspectos como, por exemplo, da vulnerabilidade ao vírus da AIDS. Num estudo sobre adolescência e sexualidade, realizado com 387 estudantes, em 25 escolas da rede pública e particular de Belo Horizonte (MG), com idades entre 14 e 20 anos, Afonso³⁶ explicita que 75% dos jovens consideravam seus conhecimentos sobre sexualidade “razoável”, 19% “muito bom” e 6% não são bem informados. Sobre a frequência de procura da informação, 43% responderam que procuram sempre, enquanto 46% fazem isso às vezes e 11% raramente ou nunca. Sobre a forma com que a escola transmite informações, 30% afirmaram que a escola não passa informação, 32% disseram que a informação é transmitida em caráter científico, 8% de forma moralista e 24% disseram que a escola promove discussão aberta.

Sobre o tema masturbação, uma das participantes relatou que “A Fany do *Big Brother* fazia coisas embaixo do cobertor”³⁷ (sic) Rosa. Perguntamos, então, o que a participante do programa fazia embaixo do cobertor e as jovens apenas sorriram. Instigamos ainda mais, perguntando se aquilo que ela fazia era ruim e se todas as pessoas se masturbavam.

Sei lá! acho que não é ruim, mas é esquisito (...) Acho que só gente que já teve relação (...) Os garotos fazem mais, não conheço nenhum caso de meninas. (sic) Rosa

Nesse caso, houve uma intervenção com esclarecimentos sobre o assunto “masturbação”. Verificou-se, no estudo de Monteiro³⁸, que houve

³³BORGES, Ana Luiza Vilela. Relações de gênero e iniciação sexual de mulheres adolescentes. *Rev Esc Enferm. USP*, V. 41. n 4, 597-604, 2007. p. 603. Disponível em: <www.ee.usp.br/reeusp/...>. Acesso em: 18 jun. 2008.

³⁴BORGES op.cit., p. 604.

³⁵Ibidem., p. 604.

³⁶AFONSO, M. L. *A polêmica sobre adolescência e sexualidade*. Belo Horizonte: edições do campo social, 2000.

³⁷Referindo-se a uma participante de um programa de *reality show* (exibido pela Rede Globo de Televisão) que se masturbava, gerando uma grande repercussão no país.

³⁸MONTEIRO, op.cit., p. 89.

semelhanças nas respostas referentes à masturbação, sendo que alguns jovens disseram que a masturbação é uma escolha pessoal, porém prevaleceram no estudo críticas a essas práticas como, por exemplo, achar "estranho" ou "não é legal". Segundo Heilborn³⁹, a automasturbação pode ser entendida como uma distinção da forma com que homens e mulheres estão em torno da sexualidade, pois nos homens a técnica é para o prazer individual e para a mulher consiste num meio de comunicação, de sentimentos e de esperança de conexão com o parceiro. Porém, ainda para as mulheres, a masturbação é uma área de silêncio e de ilegitimidade. Por fim, as jovens deste estudo foram perguntadas sobre o que elas compreendiam sobre sexualidade. Elas responderam:

Sexo é a prática e sexualidade é o teu jeito, o que você gosta ou não gosta... (sic) Rosa

Sexo é prática e sexualidade é teoria (sic) Fátima

Nota-se que as intervenções e discussões sobre a sexualidade vinculada ao gênero surtiram efeito ao final de um dos encontros, quando discutíamos sobre sexualidade, pois as jovens compreenderam os sentidos que atribuímos à sexualidade, já que esta faz parte de um universo maior de sentidos e significados que construímos na vivência intersubjetiva.

- O "ficar" como roteiro de iniciação sexual

Nos encontros, procurávamos compreender como se davam as formas de iniciação sexual, a partir de histórias semelhantes às do cotidiano, e o "ficar" foi a palavra mais representada pelos jovens. Procuramos identificar quais seriam as formas do "ficar" e a participante "Cátia" relatou que existem três tipos:

Tem o ficar de só beijar, o ficar e amasso e ficar com algo além... (...) Fica-se com uma pessoa e depois se não quiser mais pode também ficar com outra, sem ter qualquer compromisso. (...) Tipo, se eu ficar com uma pessoa hoje, e se eu quiser ficar com outra pessoa amanhã, é sem compromisso, ele não pode dizer nada! (sic) Cátia.

Sobre o termo "ficar", muito comum entre os jovens e também utilizado por adultos, Justo⁴⁰ caracteriza-o como resultado das transformações do mundo e do individualismo da contemporaneidade,

sendo que é nesse cenário que o adolescente imprime essa nova forma de relacionamento, na qual a palavra "ficar" não significa permanecer, mas sim abreviações, autossatisfação de desejos imediatos e o não-compromisso com essas relações ocasionais. Autores como Bauman⁴¹ e Giddens⁴² já abordaram a característica da imediatização dos relacionamentos afetivo-sexuais nos tempos contemporâneos. Podemos identificar que o *ficar*, de alguma forma, configura-se como uma das maneiras de experimentar a sexualidade sem a rigidez de tempos remotos, nem a fixidez de outrora.

No presente estudo, perguntou-se o que era permitido nesse ficar e elas responderam:

Pode beijar, mas se passar do beijo (...) Até onde a menina deixar, por que tem vários tipos de menina e têm outras que é na cintura se não dá briga. (sic) Cátia.

Tem menina que já prefere além da cintura, a bunda, porque homem é safado e vai querer pegar, vai da menina querer deixar. (sic) Tati.

Podemos corroborar estes resultados com o estudo de Heilborn⁴³ que mostra, também, nas descrições dos participantes, a graduação de práticas aceitáveis para as meninas como a expressa na fala "até onde a menina deixar" (sic), tratando desses limites da iniciação da vida amorosa das entrevistadas que se constituíram num roteiro que segue um padrão reconhecido e praticado, principalmente, no sul do país.

No encontro cujo tema era as "Reações femininas e masculinas", diante de uma situação na qual a personagem da história estaria com dúvidas diante de seu próprio comportamento, as participantes se posicionaram da seguinte forma:

Ela perde a noção do perigo (...) Não, ele vai querer isso dela sim! (...) Por que ele não quis conversar em outro lugar da casa (sic) Bety.

Acho que vai só rolar beijo, mas vão para cama e vai rolar aquele negócio lá... (...) Depende do menino. (...) e por que tinha que ser no quarto, por que não conversaram na sala? (...) Eu acho que tem dois tipos: o safado e aquele que é mais certinho! (sic) Cátia.

Acho que ele deveria ter chamado a menina para conversar em outro lugar (sic) Fátima.

³⁹HEILBORN et. al, op. cit., p. 250.

⁴⁰JUSTO, José Sterza. O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia* - UFF, v. 17, n. 1, p. 61-77, Jan./Jun. 2005. p. 70.

⁴¹BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

⁴²GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades*. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1993.

⁴³HEILBORN et. al, op. cit.

Esses resultados clarificam a ideia de que os roteiros ou *scripts* sexuais são permeados por relações de gênero e sexualidade, pois os jovens, ao imaginarem roteiros sexuais a partir do que se tem como referência de outras situações vividas por eles mesmos ou por outras pessoas, constroem suas formas de se relacionar com o mundo. Esses roteiros são pré-determinados e um exemplo disso estaria na forma com que os participantes debateram sobre a tensão entre “conversar no quarto” ou “conversar na sala”, pois o quarto sinaliza um cenário ideal para uma relação sexual ocorrer (“vai rolar aquele negócio lá...”), enquanto que a sala é o cenário mais adequado para uma conversa sem o compromisso do ato sexual. Segundo Oltramari⁴⁴, os roteiros sexuais não estão apenas na experiência real, mas em fantasias e projetos futuros. Essa concepção de roteiros sexuais é vislumbrada nos relatos das participantes, quando estas tentam imaginar a cena que crêem ser a que mais comumente é vivida por elas ou por outras pessoas.

São necessários, portanto, trabalhos que busquem essas representações sociais em torno de todos os aspectos da sexualidade, para além dos aspectos biológicos e dos padrões rígidos de valores na cultura sexual. Esse processo envolve modificação de atitudes dos atores sexuais com seus roteiros e cenários de atuação.

Considerações finais

As jovens entrevistadas apresentaram suas atitudes e seus valores como uma forma de construir sua identidade. Sentiu-se neste estudo, primeiramente, a necessidade de explorar, através da realização de grupos focais, como essas jovens vivem e percebem sua sexualidade. Percebeu-se, também, muito claramente, a necessidade que esses jovens têm de debater e questionar a realidade. É nessa necessidade que os programas orientados ao jovem poderiam se apoiar. Uma das dificuldades encontradas ao realizar o grupo foi a falta de acesso a um local apropriado para a realização das atividades como, por exemplo, uma associação de moradores, na qual a informação da ocorrência desse tipo de trabalho pudesse ser mais disseminada. É importante, também, relatar que os encontros foram realizados no salão paroquial da igreja do bairro e que, apesar das restrições que cogitamos encontrar na instituição, esta apoiou a iniciativa da pesquisa com os jovens da comunidade, pela preocupação com os problemas que a comunidade vivencia no cotidiano, ou seja, a gravidez de mulheres muito jovens e o uso de drogas.

Os encontros realizados serviram, nesta pesquisa, para sinalizar que, por exemplo, a prevenção da AIDS deve estar de acordo com a interação dos atores

sociais com seus roteiros, sejam eles culturais interpessoais e intrapessoais (inter-relacionados) e permeados por questões substancialmente de gênero e sexualidade que, substancialmente, penetram as categorias exploradas. Foi identificado nos resultados do estudo que uma das representações sociais evidenciadas no trabalho, diz respeito à forma que as jovens percebiam os homens, como na categoria “safado”, em alusão a uma sexualidade mais ativa e viril, ressaltando uma cristalização das identidades de gênero pelas entrevistadas. A mulher, por sua vez, foi percebida pelas entrevistadas como “safada”, quando estabelecia relações com a sexualidade diferente dos modelos moralmente aceitos pelas pesquisadas.

Podemos identificar que, em casos de prevenção ou mesmo de discussões que abordem a sexualidade, não podemos deixar de perceber que a presença dos roteiros sexuais, atrelados às constituições de gênero, são elementos importantes para a compreensão e posteriormente, implantação de políticas públicas com essas populações. A caracterização posta no início do título sinaliza que existe uma hierarquização entre comportamentos e essas identidades postas como masculinas “safados (as)” e femininas “santinhas” se configura como uma norma de conduta sexual, o que faz com que meninas e meninos tenham roteiros sexuais já definidos antes mesmo de iniciarem suas vidas afetivo-sexuais. Portanto, compreendemos que há necessidade de reflexão, conscientização e desnaturalização de todos os aspectos que envolvem a sexualidade, com a premissa de que a saúde sexual não dependa dos esforços apenas da escola, mas do governo, como representante da sociedade. Os trabalhos com jovens poderiam ser pautados na lógica de que são futuros formadores de opinião e que podem transformar representações sociais arraigadas e normativas de condutas, como é o caso do papel da mulher na sociedade.

Artigo recebido em: 03/08/2009

Aprovado em: 06/04/2010

⁴⁴OLTRAMARI, op. cit., p. 115.